

## Notícias de infâncias na Ditadura Militar: em foco o jornal *Folha d'Oeste* (Chapecó/SC, 1966-1970)<sup>1</sup>

*News of childhoods in Brazilian Military Dictatorship:  
focus on the Folha d'Oeste newspaper (Chapecó/SC, 1966-1970)*

Aline Lazarotto\*

Silvia Maria Fávero Arend\*\*

Palavras-chave:  
Infâncias  
Jornal  
Santa Catarina  
Ditadura Militar

Resumo: O jornal *Folha d'Oeste* foi o principal periódico a circular durante a Ditadura Militar, na região Oeste do Estado de Santa Catarina (Brasil), com amplo alcance na época. No presente artigo investiga-se, a partir da análise do discurso, como as crianças foram notícias nas edições do referido jornal publicadas entre 1966 e 1970. Na primeira parte do artigo foi explorado a materialidade da fonte na tentativa de verificar o contexto de sua produção. Na outra parte buscou-se conhecer como o discurso jornalístico contribuiu para a construção social das infâncias das diferentes camadas sociais.

Keywords:  
Childhoods  
Newspaper  
Santa Catarina  
Military Dictatorship

Abstract: The newspaper *Folha d'Oeste* was the main periodical, with a wide range of readers, circulating during the Military Dictatorship in the Western Region of Santa Catarina (Brazil). We investigate in this paper, from the perspective of Discourse Analysis, how children were news in the editions of the referred newspaper published from 1966 to 1970. In the first part of this work, it was investigated the materiality of the source in an attempt to find out the context of its production. In the second part, we sought to understand how the journalistic discourse contributed to a social construction of childhoods from different social classes

Recebido em 28 de outubro de 2020. Aprovado em 16 de novembro de 2020.

### Sobre o jornal *Folha d'Oeste*

A imprensa escrita, em particular a jornalística, constitui material de análise pelo acesso que oferece aos fenômenos que compõem determinado tempo histórico. No caso específico – discurso acerca da infância no Oeste de Santa Catarina de 1966 a 1970 –, pelos múltiplos elementos de um determinado espaço e tempo, principalmente pela possibilidade de tecer representações sociais sobre as crianças e as infâncias. Análises de pesquisadores que utilizam impressos como fontes, sinalizam o quanto a imprensa jornalística contribui para a construção social das infâncias

e enfatizam de que modo a representação social pública da criança consiste em uma das áreas mais ignoradas dos *media* (FRONTANA, 1999). Para a pesquisadora Maria Cristina Mendes da Ponte, no jornalismo escrito a criança é carregada de poder simbólico e evocativo, muito mais para ser vista do que ouvida, transformada em artefato simbólico do mundo adulto (PONTE, 2005).

O presente artigo abordará, no campo dos estudos da História da Infância e Juventude, um conjunto de discursos/enunciados produzidos acerca das infâncias durante a Ditadura Militar. Para isto, toma-se como referência as contribuições teóricas de Michel Foucault (2014), para quem os

\* Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Possui Pedagogia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora titular do curso de pedagogia da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, coordenadora do Projeto de extensão Pedagogia na Rua da UNOCHAPECÓ. E-mail: [alinel@unochapeco.edu.br](mailto:alinel@unochapeco.edu.br).

\*\* Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora do curso de Graduação em História e dos Programas de Pós-graduação em História e em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: [smfarend@gmail.com](mailto:smfarend@gmail.com).

discursos são transversalizados por dinâmicas de poder e saber. Desse modo primeiramente, é necessário compreender de que modo eles foram produzidos e o que condicionou sua existência. Imergindo nas notícias do jornal *Folha d'Oeste* produzidas entre 1966 e 1970, e que estão disponíveis no acervo, o artigo pretende mostrar a forma que se caracterizam os discursos: inicialmente, como relações de poder e saber entre si interligadas; para em seguida desenhar as suas descontinuidades; destacar as séries de acontecimentos sucessivos e suas condições de possibilidade.

As fontes documentais que compõem o escopo desta análise encontram-se sob a guarda do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), no município de Chapecó (SC). Este espaço de memória foi criado em 1986 e construiu-se como um dos primeiros programas de extensão e pesquisa da Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste (Fundeste), que atualmente é mantenedora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó)<sup>2</sup>. Para esta investigação, foi selecionado apenas o jornal *Folha d'Oeste*, fundado em 1964, por ter sido o principal periódico a circular durante a Ditadura Militar, na região Oeste, com ampla circulação e alcance para época. O jornal foi fundado no município de Palmitos (SC), e dirigido por Homero Milton Franco do Partido Social Democrata (PSD). Alguns meses após a fundação, a sede do jornal foi transferida para Chapecó. Até meados da década de 1970, o periódico manteve Homero Milton Franco como diretor e o professor Gabriel Dezen<sup>3</sup> no grupo editorial.

Nos primeiros anos de circulação, o projeto gráfico do jornal *Folha d'Oeste* era em formato *standard*, somente em meados do ano de 1970 assumiu um formato tabloide. Ao observar-se a materialidade da fonte, percebe-se que os anunciantes variavam entre: profissionais liberais, autoridades públicas locais, comerciantes e donos de indústrias, referenciados pelo redator como “amigos do jornal”. Dois anos após sua fundação, o jornal já estabelecia convênios com 27 municípios da região Oeste. Na edição 94 do referido período, os redatores anunciavam um “*perfeito serviço de*

*Relações Públicas*” à disposição das prefeituras municipais e dedicavam uma página inteira às “*reivindicações e possibilidades municipalistas*”. A seção “A tribuna dos municípios” noticiava os interesses de determinados grupos sociais como se fossem de caráter público.<sup>4</sup>

O periódico manteve publicações semanais e assinaturas anuais. Para um ano, o valor da assinatura era NC\$ 7,00; dois anos: 10,00 e três anos 12,00. O custo de publicidade era de NC\$ 400,00 por página inteira, em relação ao período estudado. Foleando o jornal é possível afirmar que a quantidade de anúncios publicitários era expressiva, em algumas edições as propagandas relativas ao comércio local e regional ganhavam páginas inteiras. A partir de 1966 a coluna específica “Anunciantes”, divulgava serviços de dentistas, médicos, advogados e empresas locais. Estima-se que durante a década de 1960 e 1970 o número de exemplares publicados aproximava-se a seis mil, sendo considerado um número bastante expressivo.

O jornal era composto de oito a doze páginas. As três primeiras dedicavam-se às notícias sobre economia e política, em seguida eram tratados temas específicos da região. A partir da quarta página encontravam-se as colunas, que durante o período estudado diversificaram títulos e também assinaturas. Entre elas, destacam-se com maior periodicidade: “*Shopping News*”, “Do submundo à sociedade”, “Bíblia”, “Fôlhas d'Oeste ao vento”, “O que dizem por aí”, “Coluna Social”, “Coluna Cor de rosa” e “Passarela Social”. Festas e casamentos eram temas recorrentes, além de posicionamentos sobre a conduta moral e cristã de personalidades políticas. Grande parte das colunas recebia assinaturas masculinas e apenas as que se dedicavam aos concursos de beleza, nascimentos e receitas culinárias traziam assinaturas femininas. A última página do semanário “Folha esportiva” era dedicada aos esportes, principalmente ao futebol. As primeiras edições do jornal não obedeciam a um formato regular, os anúncios misturavam-se na capa com a opinião da redação. A única edição comemorativa encontrada no período estudado foi relativa ao cinquentenário de Chapecó, publicada em 1967.

Ao ler o periódico foi possível identificar que, na década de 1960, o jornal *Folha d'Oeste* difundiu um discurso sobre a região Oeste como um “território” associado ao trabalho e principalmente à noção de progresso. Provavelmente, as relações sociais que se davam no âmbito dos partidos políticos e os interesses comuns mantidos entre jornalistas/radialistas e administradores regionais foram de fundamental importância para legitimar um projeto de hegemonia política e econômica em torno da agroindústria como nova matriz produtiva e levar adiante o projeto colonizador.<sup>5</sup> A região Oeste de Santa Catarina era descrita no jornal como uma “terra de gigantes” repleta de “grandezas e abundâncias”.

O historiador Carlos Fico, ao analisar a propaganda política da Ditadura Militar e da agência Assessoria Especial de Relações Públicas (ARP), afirma que um conjunto de profissionais, principalmente ligados à publicidade, foram fundamentais para divulgação da propaganda do governo que buscava construir “uma atmosfera” harmoniosa em relação à imagem do País. As agências de publicidade adequavam-se às diretrizes governamentais para angariar contas e divulgar os feitos do governo. Além disto, o autor destaca a forma com que a reorganização da propaganda política do regime, utilizando da publicidade comercial como estratégia para fortalecer o caráter nacional, influenciou para construir certa “harmonia nos discursos publicitários da época”. Para o autor, com apoio da publicidade os meios de comunicação vendiam esperança e amor, ao lado de “sabonetes e geladeiras”, construindo com isto, em plena ditadura, um forte instrumento do “entendimento e do amor entre os homens” para alcançar um futuro por meio da criação de uma atmosfera positiva (FICO, 1997, p. 119).

A cidade de Chapecó nesse período possuía muitos problemas: o acesso a bens de consumo era difícil, faltava energia elétrica, as condições das estradas eram péssimas, etc. A necessidade de projetar a cidade, ou seja, reafirmar que na região Oeste existia um povo progressista, que poderia enriquecer pelo trabalho foi o discurso que fundamentou o acesso à modernidade (VOJNIAK,

2004). Esse discurso fez parte de um rol de estratégias utilizadas pela elite local para difundir um perfil ideal de trabalhador (a) capaz de contribuir no desenvolvimento local.

É importante ressaltar que durante o período ditatorial a propaganda política dos governantes buscava difundir um discurso otimista em oposição a um discurso pessimista. Esse tipo de “propaganda política” tinha como objetivo elaborar uma “leitura” sobre o Brasil que, ao mesmo tempo, criasse as bases para um sistema de autorreconhecimento social e se instaurasse como mística da esperança e do otimismo (FICO, 1997). O jornal *Folha d'Oeste* acompanhou e utilizou destas estratégias para projetar o Oeste catarinense em âmbito regional e estadual, bem como disseminar os preceitos de progresso almejados pelas elites locais (SIQUEIRA, 2016, p. 96). Isso atrelado à necessidade de afirmar que tudo andava bem, e não colocar em cena as ações de diferentes ordens, especialmente relativas às violações de Direitos Humanos, cometidas pelos governantes do período.

O jornal *Folha d'Oeste*, mesmo assumindo ser “Imparcial na informação e Independente na opinião”, logrou dos benefícios do governo para modernizar e investir em sua maquinaria. No período de análise, os redatores anunciavam os investimentos na infraestrutura e a contratação de representantes comerciais para renovar assinaturas e buscar notícias pela região. Em uma reportagem em homenagem ao aniversário do periódico em 1967, o redator fez questão de evocar as “grandezas do mais completo semanário” e divulgar o alcance de mais “15.000 leitores na região”.

Tudo indica que as articulações estabelecidas entre as elites locais, regionais e nacionais, durante a Ditadura Militar, foram importantes para alavancar Chapecó no cenário tão almejado das cidades consideradas progressistas. Os investimentos na indústria e a vinda de produtos para consumo atraíram os desejos dos “homens da imprensa chapecoense”, que não mediram esforços para difundir mensagens otimistas em relação ao futuro econômico e político da região. Em várias publicações os redatores afirmaram a necessidade de manter no poder os governantes, bem como

incorporaram a retórica dos militares em suas narrativas jornalísticas. A matéria publicada em 1966, período próximo das eleições presidenciais, caracteriza este posicionamento. Com o texto “*Uma questão de consciência III*”, na capa do periódico, o redator chamou a atenção dos críticos do então presidente general Castelo Branco, alertando-o sem relação à consciência do voto para as próximas eleições. Com tom autoritário, questionava: “*Quem teria moral para criticar o governo dos militares?*”. Era necessário “*trabalhar mais, pagar mais impostos para recuperar a nação*”. Compartilhando dos interesses dos militares, em um dos momentos mais duros da ditadura, o articulista exigiu que “[...] *cada um fizesse a sua parte, pois assim aguentaremos o perigo vermelho, porque a fome leva ao desespero e este ao comunismo.*”<sup>6</sup>

Além de partilhar projetos políticos o *Folha d'Oeste* também investiu na construção de temporalidades. Em diversos espaços do jornal, a ideia de romper com o passado, ou seja, a redenção do que não poderia ser identificado com a cidade, permeou o discurso jornalístico. Em 1967, na edição de 03 de fevereiro, início das comemorações do cinquentenário de Chapecó, o professor e redator do jornal, Gabriel Dezen, escreve em nome do jornal *Folha d'Oeste* e afirmava que “*quisera ele ter nascido 50 anos antes para contar dia a dia a história desta região*”. Como isto não foi possível, o *Folha d'Oeste* estaria inaugurando um dos “[...] *maiores trabalhos histórico-jornalístico do ‘velho-Chapecó’, mais de três mil quilos de papel seriam transformados em páginas de glória da gente oestina.*”<sup>7</sup>

Projetando sua função histórica, o discurso jornalístico mobilizou uma nova temporalidade que estava articulada às promessas políticas e socioculturais daquele período. Evocar o acontecimento da comemoração do cinquentenário de Chapecó ao terceiro aniversário do jornal, como um acontecimento histórico, demonstra o quanto a imprensa funcionou como veículo de construção de memória. Ao celebrar a temporalidade, o discurso jornalístico mostrou-se, como afirma o historiador Reinaldo Lindolfo Lohn, como um organizador social, o que inclui a definição sobre o que deve ser lembrado ou esquecido (LOHN, 2013).

## Notícias de crianças

Após folhear as páginas que resistiram ao tempo, dos primeiros exemplares do jornal *Folha d'Oeste*, buscou-se selecionar apenas peças jornalísticas que se referiam às crianças e às infâncias. Para esta organização, utilizou-se como orientação o protocolo de análise proposto pela pesquisadora Maria Cristina Mendes da Ponte, que permite investigar

[...] os vários mundos construídos nas páginas do jornal, compreendendo a peça jornalística mais do que um indicador quantitativo, e sim pelos seus discursos e pelas suas imagens, pelas suas opções de visibilidade e invisibilidade que se constrói a comunicação jornalística. (PONTE, 2005, p. 242).

A contribuição da autora é de suma importância para inferir sobre “*que crianças são notícias? Quando é que são notícias? Quem tem voz nessas notícias e quem tende a ser ignorado?*” (PONTE, 2009, p. 145). No período em destaque foram encontradas 48 peças jornalísticas que tinham como tema as crianças e as infâncias. As peças foram distribuídas por temas:

**Quadro 1: Distribuição de peças por temas.**

Temas	Nº de peças
Família	13
Criança idealizada	9
Abandonada	6
Espaço público	5
Educação Escolar	4
Política Pública	4
Publicidade	4
Vítima	3
<b>Total</b>	<b>48</b>

Fonte: Jornal *Folha d'Oeste* (1966-1970).

Em relação ao Quadro 1, percebe-se uma predominância do tema família. Os nomes e sobrenomes das figuras paterna e materna eram colocados em evidência e os sinônimos utilizados para se referir às crianças estavam sempre associados aos ideais românticos de uma infância ordeira e

feliz. Ou seja, elas eram descritas como “anjinhos”, “príncipes” e princesas” e proporcionavam alegria e felicidade à família.

Os gêneros jornalísticos foram destacados com a intenção de perceber quais os espaços privilegiados para cada tema acerca das infâncias:

**Quadro 2: Gêneros jornalísticos.**

Gênero jornalístico	Total
Anúncios	17
Reportagem	15
Notícias	15
Peça solta	1
Total	48

Fonte: Jornal *Folha d'Oeste* (1966-1970).

Conforme destaca o Quadro2, o maior número de peças relacionadas às crianças e as infâncias esteve presente em anúncios do jornal, que variaram entre comunicados de nascimentos, festas infantis e festas da comunidade. Com tom evocativo, os anúncios utilizavam imagens que transmitiam um ideal romântico de infância. Ou seja, aquela composta por seres vulneráveis, que viviam sob a proteção das figuras parentais e que necessitam de carinho e amor. Com laços e fitas, as vestimentas associavam a criança a representações angelicais, conforme vê-se na imagem a seguir:



**Imagem 1: Coluna social – foto menina**

Fonte: Jornal *Folha d'Oeste*(13 jul. 1968).

Além dos anúncios de comemorações festivas, as crianças também foram noticiadas na publicidade, por meio de imagens que representavam a família apareceram associadas à venda de automóveis:



**Imagem 2: Propaganda**

Fonte: Jornal *Folha d'Oeste* (12 ago. 1967).

No Brasil, desde a década de 1950, as crianças passaram a ser “personagens” importantes nos anúncios publicitários veiculados na imprensa. Neles as crianças aparecem de forma indireta como membros da família que, por sua vez, consumia os produtos. Como aparece na imagem anterior, as figuras materna e paterna e o filho no banco traseiro do automóvel representam os ideais da família nuclear burguesa disseminados naquele período. A historiadora Olga Brites afirma o seguinte sobre esse processo:

[...] a propaganda contribuiu de forma significativa para elaborar imagens de infância e família. Atuou, ainda, como elemento importante na elaboração daquilo que se desejava para o social, englobando elementos de exibição pública. No produto, por meio da

publicidade, depositaram-se valores que expressaram desejos, configurando um destino identificado a 'prazer' e 'felicidade'. (BRITES, 2000, p. 274).

Um dos espaços privilegiados para anunciar a infância considerada feliz eram as colunas sociais. Observa-se na imagem:



**Imagem 3: Coluna social**

Fonte: CEOM– Jornal *Folha d'Oeste*(27 jul. 1968).

Na coluna social as crianças pertencentes às classes médias e altas “desfilavam” com seus sorrisos e vestimentas, transmitindo um olhar sereno e confiante no futuro que estava por vir. Uma infância representada em sua maioria por meninas que recebiam adjetivos sempre associados à beleza, à ternura e à figura da esposa e mãe. Com sorrisos angelicais, as meninas dividiam as páginas com as mulheres adultas, símbolos da beleza feminina. Para exemplificar essa questão pertinente às relações de gênero evidenciadas nas peças jornalísticas, apresenta-se uma oração publicada em período próximo ao dia das crianças, em 22 de outubro de 1966:

Oração da criança

O deus, tu que és bom e todo poderoso  
Tu que és criador supremo e também o  
meu bondoso criador ouve-me atende-  
me e perdoa que eu só saiba pedir

Mas, agora eu te peço tão pouco e representa tanto para mim, que sei... ela me atenderá

Dá-me, não é a terra nem mesmo um cantinho no céu

Permite que quando eu for grande do tamanho do papai que como ele, eu seja **amável, bom, caridoso, dedicado, esmerado e feliz!**

Ah e não esquece também de encontrar para mim uma **menina bonita igualzinha a mamãe.**

Bom, hoje estou com sono, mas amanhã eu te digo alguma coisinha mais que eu desejo para ser bem feliz! (*Folha d'Oeste*, 22 out. 1966, grifos nossos).

As peças jornalísticas com presença de meninos foram as dedicadas a propagandas de vestuário masculino, indicando pelas chamadas que acompanhavam a ideia do “homem adulto”. A imprensa mobilizava um discurso em relação às infâncias para também atender ao rol de exigências de uma cidade em pleno progresso. Para isso, aponta como perfil ideal o “homem” capaz de dar continuidade às transformações na região.<sup>8</sup>

A predominância das peças jornalísticas que valorizam uma imagem ordeira de uma infância feliz acompanhou o discurso do jornal *Folha d'Oeste* que, naquela época, dedicava boa parte de suas páginas a divulgar as transformações da cidade, as quais ocorriam paulatinamente e transformavam o “velho oeste” em “celeiro do progresso”. Um periódico que se propunha a narrar os acontecimentos locais e mostrar ao país que em “Chapecó tudo é belo, tudo precisa acompanhar um ritmo de grandeza”.<sup>10</sup>

Os discursos que transmitiram uma mensagem de uma infância bela, feliz e ordeira também anunciou que transitar pelas lindas ruas, largas e iluminadas, contornadas por jardins de paisagens revigorantes, não parecia ser uma alternativa agradável, pois, a cada momento, os pedestres eram surpreendidos por “esmoleiros” e “pivetes” a suplicar por uma gratificação, o que não agradava as pessoas residentes no centro da cidade. Em contraste com o discurso de uma infância considerada ideal, outras histórias de infâncias foram narradas.

## “Mendicância é cartão de visita da cidade”<sup>11</sup>

Buscou-se analisar neste artigo as peças publicitárias com pouca representatividade nas páginas do jornal *Folha d'Oeste*. Enunciados que atravessaram o discurso jornalístico também denunciaram diversas formas de representação das infâncias. Em uma notícia publicada em 1967, sob a égide da Doutrina de Segurança Nacional, afirmava o jornal *Folha d'Oeste* que, principalmente à tardinha, o proletariado da periferia, todo na mesma hora, saía para o centro da cidade para iniciar sua importuna tarefa de “mendigar”, em bares e repartições públicas. Com tom de apelo, os articulistas solicitavam em “[...] nome do povo, que os responsáveis pela ‘limpeza’ da cidade tomassem medidas cabíveis para evitar que menores e pessoas fisicamente sadias perambulasse pelas ruas da cidade, esmolando.”<sup>12</sup> Os munícipes, que desfrutavam de ruas largas, arborizadas e repletas de pessoas “cultas”, ora mais, ora menos, deparavam-se com meninos a vagar pela cidade. Afirmava a referida reportagem: “[...] o visitante que chega não deixará de enxergar o quadro doloroso do problema da mendicância.”<sup>13</sup>

Nos últimos anos dessa mesma década, o jornal *Folha d'Oeste*, acompanhado por entidades assistenciais, tais como o *Rotary Clube*, o *Lions Clube* e a Câmara Junior, realizaram diversas campanhas assistenciais, possivelmente sob a ótica da caridade e voltadas à população pobre. As relações dos gestores do periódico com estas associações civis se davam em decorrência de seu diretor, Homero Milton Franco, exercer funções ligadas a órgãos públicos e ser membro do *Lions Clube*. Sua participação efetiva nas entidades assistenciais talvez justifique o espaço dado pelo periódico aos temas relativos à pobreza.<sup>14</sup>

Nos anos seguintes, com um tom moralizante, os redatores do jornal *Folha d'Oeste* convocaram a comunidade para resolver a grande “chaga social”, através da divulgação de campanhas realizadas pelas entidades religiosas e assistenciais da região. O discurso preponderante nas matérias foi a opinião dos redatores que reivindicaram ações para “limpar a cidade” dos “pequenos vagabundos”

que continuavam a perambular pelas ruas. Os articulistas em seus textos pretendiam “moldar” as ações da comunidade em relação aos “esmoleiros”, prescrevendo atitudes que interferiam na forma de lidar com meninos e meninas postados às portas de mercados, lojas e repartições públicas, “medicando por um trocado”. A orientação dada pelo jornal era, ao invés de esmolos, fossem doados “objetos de vestir, comer ou calçar”, pois as pessoas do município estavam promovendo uma “[...] verdadeira escola de vagabundagem a ponto de transformar a cidade na ‘capital da mendicância.’”<sup>15</sup>

O discurso jornalístico enunciado no periódico, em relação aos meninos e meninas pobres, estava em consonância com a linguagem utilizada no período nas cidades de grande e médio porte do país. Ou seja, apregoava a “limpeza urbana” em vez de políticas sociais que pudessem alterar de alguma forma a condição de vida daquelas pessoas. Nesta direção, Frontana (1999, p. 129), ao analisar a grande imprensa paulista, destaca como esse meio de comunicação converteu-se em importante fórum para a expressão de atitudes e opiniões, no qual o problema dos menores abandonados adquiriu “contornos e dimensões dramáticos”. A imprensa escrita postulava para si um papel social de porta-voz soberano da opinião pública. Cumpria, segundo a autora: “[...] por um lado, em nome do bem público, apresentava-se como prestadora de um inestimável serviço à população; por outro, servindo aos interesses da elite dominante, colabora com a imposição de sua ideologia.” (FRONTANA, 1999, p. 133).

Como destacam as historiadoras Silvia Maria Fávero Arend e Camila Serafim Daminelli:

A ‘questão’ ou problema do menor era a parte sensível de um todo social mais abrangente, este, grosso modo, fruto de um vertiginoso crescimento urbano incapaz de evitar, fosse pelas vias do trabalho fosse pelas vias assistências, a expansão da pobreza nos grandes e médios centros do país. Estavam lançadas as bases que legitimavam o perfil de institucionalização dos menores, em regime fechado ou de semiliberdade: a prevenção da criminalidade adulta, cujo o ponto de

inflexão era a intervenção direta sobre as crianças e adolescentes pobres. (ARENDE; DAMINELLI, 2014, p. 197).

Paim (2003) afirma que o crescimento da riqueza e da pobreza aconteceram proporcionalmente no município de Chapecó no período em estudo. Com isto, as “[...] condições de vida das pessoas pobres agravaram-se entrando em contraste com os avanços da cidade das rosas.” (PAIM, 2003, p. 37). As crianças que “perturbavam os estabelecimentos comerciais”, neste contexto, eram alvo do movimento em prol da “prevenção da marginalização do menor”. Buscava-se educar a infância para o futuro e prevenir a sociedade do progresso dessa considerada ameaça (PILOTTI; RIZZINI, 2009).

## Considerações finais

Os dados apresentados em relação aos espaços direcionados à infância na imprensa escrita do Oeste catarinense indicam com evidência a prevalência de um discurso que valoriza uma imagem ordeira, mítica, utópica de um ideal normativo de infância, “[...] concretizando um modelo singular de criança feliz que tendencialmente é branca e de classe média” (PONTE, 2005, p. 38). Por outro lado, outras infâncias circulam nos discursos jornalísticos denunciando a disparidade entre a infância idealizada e a infância pobre.

A visibilidade dada à infância idealizada esteve atrelada aos interesses do jornal *Folha d'Oeste*, o qual operava com base em uma seleção do que era para ser enunciado. Conclui-se que, pelo poder evocativo e simbólico que as infâncias carregam, estes discursos contribuíram para circular uma mensagem otimista num período marcado pela censura e violação de Direitos Humanos. Enquanto crianças brasileiras eram presas, torturadas e mortas pelo poder público, sobretudo nas instituições públicas alinhadas as políticas preconizadas pela Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM)<sup>16</sup>, em nome da “segurança nacional”, a imprensa tornava visível um discurso oposto aos cenários sociais evidenciados.

## Notas

1 Parte da pesquisa foi financiada com recursos oriundos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (FAPESC)/Edital do Programa de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Santa Catarina (PAP-UDESC) 2018 – Termo de Outorga 2019TR615. A pesquisa contou também com o apoio de bolsa UNIEDU/FUMDES/SC.

2 Ver mais em: <<https://www.unochapeco.edu.br/ceom/info/sobre-o-ceom>>.

3 De acordo com Siqueira (2016), Homero Milton Franco atuou como vereador no município de Palmitos (SC) pelo Partido Social Democrático (PSD). O jornalista transferiu-se para a cidade de Chapecó após o convite de Serafim Bertaso, para assumir a assessoria de imprensa da Secretaria dos Negócios do Oeste.

4 Em relação aos tamanhos do jornal o formato standard é de 600x750mm, o formato tabloide é aproximadamente metade deste tamanho. Jornal *Folha d'Oeste*, 1977.

5 De acordo com Silva e Hass (2017), foi a partir da segunda metade da década de 1960 que a elite local organizou diferentes estratégias para articular um projeto de hegemonia política e econômica em Chapecó. A retórica que prevalecerá nas narrativas destes grupos sociais estará pautada na legitimação do poder local, fazendo repercutir suas conquistas econômicas e materiais como principal maneira de interpretar o passado e prescrever o futuro (SILVA; HASS, 2017, p. 370).

6 Uma questão de consciência III, *Folha d'Oeste*, 12 nov. 1966.

7 Jornal *Folha d'Oeste*, mar. 1967.

8 Sobre esta questão, ver: VOJNIK, 2004.

9 A expressão “celeiro do progresso” esteve presente, principalmente na década de 1960, na retórica política da região, foi veiculada com frequência pelos jornais locais. Para o historiador Fernando Vojniak (2004, p. 91), “[...] principalmente a partir dos anos 60, a imagem da região e de suas gentes parece ser produzida num sentido oposto àquela imagem que circulava entre os homens de todas as posições do Estado; uma região que parecia, nesses discursos, não querer mais ser identificada como a terra de ninguém e ter suas gentes comparadas ao inefável Jeca-tatu.”

10 Jornal *Folha d'Oeste*, “Povo que tem bom gosto ilumina sua cidade” (06 out. 1972).

11 Jornal *Folha d'Oeste*, “Mendicância é cartão de visita da cidade” (15 jul. 1967).

12 Jornal *Folha d'Oeste*, “Chapecó cidade rica onde a mendicância impera” (19 ago. 1967).

13 Jornal *Folha d'Oeste*, “Mendicância é cartão de visita da cidade” (15 jul. 1967).



14 Jornal *Folha d'Oeste*, "Mendicância é cartão de visita da cidade" (15 jul. 1967).

15 Jornal *Folha d'Oeste*, "Povo não entendeu o apelo da Cajuja. Esmoleiros continuam como antes" (22 fev. 1969).

16 É importante citar que a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) foi instituída em 1964 a partir da Política Nacional do Bem-Estar do Menor, alinhada aos preceitos da Doutrina de Segurança Nacional. Em relação a está questão ver a tese de doutoramento: DAMINELLI, Camila Serafim. Uma fundação para o Brasil Jovem Menoridade e Políticas Sociais para infância e Juventude no Brasil (1964-1979). 2019, 304p. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina- Florianópolis, 2019.

## Referências

AREND, Silvia Maria Fávero; DAMINELLI, Camila Serafim. Políticas sociais para infância e juventude carente e infratora (1970-1980). In: BRANCHER, Ana Lice; LOHN, Reinaldo Lindolfo (Org.). **Histórias na Ditadura**: Santa Catarina (1964-1985). Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. v. 1.

BRITES, Olga. Infância, higiene e saúde na propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 249 – 278, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882000000100011>.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2014.

FRONTANA, Isabel. **Crianças e adolescentes**: nas ruas de São Paulo. São Paulo: Loyola, 1999.

PAIM, Elison Antonio. **Industrialização e Educação**. Chapecó: Argos, 2003.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Um longo presente: O papel da imprensa no processo de redemocratização – a Folha de São Paulo em 1974. **Revista Tempo e Argumento**, v. 5, n. 10, p. 72-107, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180305102013072>

PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene (Org.). **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2009.

PONTE, Maria Cristina Mendes da. **Crianças e jovens em notícias**. Lisboa: Livros Horizontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Crianças em notícia**: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

SILVA, Claiton Marcio da; HASS, Monica. "O oeste catarinense não pode parar aqui". Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em Chapecó (1950-1969). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 338-374, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180309212017338>.

SIQUEIRA, Gustavo Henrique de. **Os donos do "Celeiro do progresso"**: redes sociais e política (Chapecó, 1956-1977). 2016. 289f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

VOJNIAK, Fernando. **"Iluminar a inteligência e educar a afetividade"**: uma história do gênero masculino no Oeste Catarinense (1950-1970). 2004. 177f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

VOJNIAK, Fernando. Masculinidades na constituição do oeste catarinense. **Grifos**, Chapecó, n. 16, p. 156-179, 2004.